



Caminhos
e
Sonhos (Parte 2)

7. A fazenda de pássaros gigantes.

- Eu? – Perguntou Eliza.

A garota ficou meio sem jeito, estava naquele lugar para tentar ajudá-los, mas no fim não tinha feito nada de útil. Foi Elias, com um plano descuidado, que os salvou. Ela, a tal maga, não fez nenhuma magia.

- Sim, acredito que vai se interessar pelos meus planejamentos.

Eles faziam o caminho de volta, Oliver olhava para o alto caso os louva deuses aparecessem de novo.

Matilde falou:

- Eliza, você já fez bastante coisa por aqui. Não precisa aceitar o “planejamento” dele.

Lucien olhou contrariado para a pirata, mas Eliza disse:

- Eu vim até aqui para tentar fazer alguma coisa, mas não consegui nada – Se sentiu frustrada – Nem magia...

Elias ficou com uma postura estranha, parecia constrangido, talvez? Lisa o puxou para outro caminho na trilha:

- Nós vamos voltar por aqui, não diria que foi um pra-

zer mas... foi interessante conhecer você maga.

- Sim, e não se preocupe com magia. Tudo leva seu tempo – Oliver se despediu.

- Bom... espero te ver de novo Ma... Eliza – Falou Elias, e os três foram embora.

Eliza, Matilde e Lucien andaram mais um pouco e chegaram até o portão. Ela encostou nas grades e elas brilharam. Matilde se virou para ela:

- Você mesma disse Eliza! Ninguém que você conhece passa por portões assim! Já é um pouco de magia – Matilde falou.

- É... acho que sim...

- Mas pode ter mais – Lucien disse – Pelo menos eu creio – Completou – Talvez eu seja de ajuda para você.

- Você sabe algo sobre magia? Eu posso conseguir fazer magia mesmo?

- Eliza – Matilde a interrompeu – Não fique muito animada. Sempre ouvi rumores de que não se pode confiar em magos.

- Mas, você confiou em mim Matilde. Você teve a ideia para que eu os ajudasse.

- Sim, mas... – Ela ficou sem graça - Eu ouvi as coisas que o fofoqueiro do Elias falou. E vi você e pensei que não era uma maga... completa, e que não iria nos prejudicar.

Eliza ficou quieta. Matilde foi bondosa com ela e a ajudou a procurar pelos diamantes. E mesmo assim ela desconfiava, mesmo que pouco, dela? O que os magos fizeram no passado?

- Ela não é uma maga completa e nem eu – Disse Lucien – Acontece Eliza, que você pode ser guiada pelo caminho certo. E estou aqui para ajudar, é do meu interesse.

Matilde suspirou: - O seu interesse de novo. Bom, você que sabe Eliza. Sabe que não falei por mal, não é? Se cuide e... vou falar com o capitão para navegarmos perto do portão, caso queira nos encontrar.

- Obrigada Matilde, e obrigada por ter vindo comigo até aqui – Agradeceu, mas sem o ânimo de antes.

Ela lançou um olhar rápido para Lucien e passou pelo portão, não parecia satisfeita. Eliza tentou retomar o entusiasmo e perguntou:

- Então, aonde nós vamos?

- Agora você vai para sua casa – Ele percebeu a decepção dela – Imagino que seus pais estejam preocupados.

- Não, minha mãe anda bem ocupada, meu pai faleceu há muito tempo.

O rosto de Lucien ficou vagamente surpreso, depois calmo:

- É mesmo? É uma pena. Bom, você vai me ver mais tarde de qualquer jeito.

- Como?

- No seu sonho. Por causa do livro sua magia vem se fortalecendo. Antes eram apenas sonhos e agora são verdadeiros caminhos que te conectam aqui.

- Como você sabe disso tudo? Como vai embora desse lugar sem usar o portão? E como sabe que vou sonhar com você?

Ele sussurrou em seu ouvido:

- Para quem eles chamam de magos, muitas possibilidades se abrem. Indicou o livro para que Eliza o abrisse em uma página em branco. Nela o corredor apareceu.

Ela disse surpresa:

- Então você também é...

- Até mais tarde, Eliza – Se virou e seguiu um caminho diferente, com Blaze voando ao redor de sua cabeça.

Quando voltou ao seu Mundo Eliza tirou o livro do quadrado sem encostar no portão, e o colocou em sua mochila. Graças a Lucien, entendeu como funcionava.

Não podia encostar nas grades como se fosse abri-las, se isso acontecesse era levada sem querer. Se fosse cuidadosa e encostasse apenas no livro, o portão apenas brilhava e esperava o destino a ser escolhido.

Não falou muito com sua mãe, ficou em um sofá esperando a hora de ir embora. Estranhou a filha não querer sair da biblioteca, mais tarde enquanto jantavam ela perguntou:

- Ei... você perdeu o medo do porão? Ficou mais tempo lá hoje, não que seja algo ruim, mas, imaginei que você preferiria sair.

- Bom achei uma coisa interessante para fazer lá.

- E o que é?

Eliza ficou pensativa.

- Mãe, o que você acharia se dissesse que vou usar magia em um outro mundo?

Claudia também ficou pensativa.

- Eu preferiria que você estivesse aprendesse vôlei em uma quadra em vez de estar em outro mundo.

Eliza suspirou:

- Eu vou para o meu quarto, já vou me deitar.

- Ainda é muito cedo! – Sua mãe falou olhando a hora.

- Estou cansada, boa noite.

Saiu da cozinha, mas ouviu sua mãe murmurar para si mesma:

- É verdade, a vontade tem que vir do próprio coração...

Eliza pensou nessas palavras, e no que ela queria dizer. Entrou no quarto e pegou o livro. O abraçou e se deitou na cama, torcendo para que aparecesse onde quer que Lucien estaria. Demorou, mas finalmente fechou os olhos e dormiu. Nesse sonho, ela estava em um grande campo com pequenos vulcões a longa distância. Da direita para

a esquerda cada um deles soltavam fumaças redondas com cores diferentes, sendo azul, verde, roxo... Entre eles, pássaros pretos e amarelos flamejantes pequenos e grandes andavam tranquilamente em grupos como se pastassem, alguns soltavam fogo quando piavam. “Por isso Matilde chamou Lucien de Pastor!” pensou.

Um pouco mais à frente de Eliza havia uma casa que a lembrou um bolo de casamento com uma camada grande em baixo, e outras menores por cima. Ela contou um total de cinco andares, e o último era tão pequeno que deveria caber apenas um quarto.

Se aproximou da entrada, não havia portão nenhum ao redor da casa. A porta não estava trancada, ela a abriu um pouco e ouviu algumas vozes de dentro:

- Como pode ter tanta certeza de que ela vai aparecer logo aqui? Devia ter trazido a menina direto para cá! –

Falou uma voz.

- Tenha calma. Eu sei que ela vai vir para cá. Sempre funcionou assim – Era a voz de Lucien.

- Você confia demais em uma prática que nem consegue mais usar! Minhas ferramentas vão funcio-

nar!

- Ora me faça o favor! – Falou uma voz feminina –
Ferramentas! Há! Nem com elas você...

Piu! Piu! Piam alguns pássaros, Eliza notou que estavam dentro da casa e olhavam para ela. Lucien olhou em direção a porta entreaberta e viu a garota.

- Eliza – Ele deu um sorriso – Ainda bem, nossa tecna deve estar conectada. Entre, creio que se lembra da senhorita Margot.

Tecna? Se perguntou Eliza entrando na casa onde havia uma bela sala de estar. A senhora Margot estava sentada em uma poltrona grande com um vestido lilás de babados. Ela lançou um olhar de indiferença para Eliza, ficou mais interessada no anel em seu dedo com um diamante gigante.

A menina reconheceu que era um dos diamantes da margarida, já a outra pessoa que estava no cômodo... -
Senhor Maldo?!

O velho estava de pé andando de um lado para o outro, os cabelos brancos antes despenteados estavam arrumados e ele vestia um macacão com vários botões.

O velho estava de pé andando de um lado para o outro, os cabelos brancos antes despenteados estavam arrumados e ele vestia um macacão com vários botões.

- Está me confundindo menina – Respondeu o velho – Aquele era o meu irmão mais novo, eu sou o mais velho, o Dali.

Eliza o olhou com atenção e compreendeu que os dois eram gêmeos, pois eram idênticos tanto na aparência e até nos modos. A diferença era o cabelo arrumado e uma pinta no rosto, mas o que ele fazia nesse lugar?

- É mesmo? Ah! As pessoas na ilha estão procurando você...

- Eu já o avisei – Disse Lucien – O encontrei no meio do meu caminho. Ele concordou em vir junto, já que para atingir meu objetivo vou precisar da ajuda do maior inventor que o mundo conhece.

- E você, senhorita Margot? – Eliza quis saber. Ela bufou impaciente:

- Digamos que sou uma observadora. Se tudo der certo, concordei em virar uma patrocinadora.

8. Um mundo para um feiticeiro.

Eliza ficou confusa, Lucien pediu para que se sentasse. O senhor Dali subiu as escadas e desceu com algumas peças de metais, ele as colocou em cima de uma mesa e parecia dar toques finais nelas. Lucien começou a explicar:

- O que ele tem em mãos Eliza, é uma espécie de armadura que você vai usar.

- Vou usar? Para que exatamente? – Armaduras podiam ser associadas com batalhas, e depois de ver os piratas lutando Eliza queria ficar o mais longe possível de lutas, além das partidas de vôlei.

- Para entrar em um dos vulcões, eles não têm lava, mas a fumaça é bem quente. A armadura vai te proteger, pode confiar na habilidade do senhor Dali.

- Quantas vezes tenho que dizer?! - O inventor interrompeu - Não é uma armadura! É uma seda metálica! Ela resfria em vez de...

A senhora Margot revirou os olhos:

- Ora só termine logo! Ninguém quer saber das explicações!

- Eu quero! - Falou Eliza - Como isso vai me ajudar a

entrar no vulcão? Por que eu preciso entrar em um? E eu estou sonhando agora, então para que usar a armadura?

- Não é uma... Ah! Esqueça! - Falou o senhor Dali.

- Você pensa que é um sonho, mas uma parte de você está bem aqui e é bem real. Eu disse que é a magia se fortalecendo. Bom, o que eles chamam de magia, para nós são tecnas específicas que pessoas como nós podem usar.

- Como assim?

- Cada "magia" possui um símbolo diferente, ao aprender esse símbolo você consegue usá-lo quando o aplica em algo, mas depois de treino é claro. Por exemplo, no vulcão que você vai entrar há um símbolo que eu quero que você anote. Ele foi deixado pelo meu mestre – O rosto de Lucien ficou com uma expressão triste – Há um tempo, um mago, ou entre nós, um tecno maligno tentou dominar todas as regiões daqui por meio da magia ou tecna. Ele foi derrotado, mas todos os outros tecnos ficaram com uma imagem ruim e não foram mais bem aceitos. Todos os portais que nos usávamos foram

esquecidos, e para não ficar com a reputação ruim muitos deles deixaram a tecna de lado e se misturaram a população comum. Eu mesmo virei um pastor de pássaros flamejantes. E outros... Bem, achei que eram rumores, mas depois que vi você e o livro acredito que seja verdade.

- O que é verdade?

- Que alguns tecnos mudaram para outro mundo.

Eliza pulou do sofá, tentando raciocinar:

- Será que... é só uma ideia, mas... senhor Lucien, você chegou a conhecer algum mago, quero dizer tecno, que se chamava Marcos?

- Conheci um Markus – Lucien olhou para o chão – Era um tecno muito bom. Por quê?

- Talvez... ele poderia ser o meu pai! Eu sabia! Quero dizer, desconfiava que minha magia devia vir do meu pai! – Eliza disse maravilhada. Essa descoberta a deixou animada – Senhor Lucien! Vamos até esse vulcão! Quero fazer magia o mais rápido possível! A senhora Margot deu risada:

- Como se fosse fácil! Primeiro se coloque no seu lugar garota!

Eliza ficou ofendida pelo deboche e queria respondê-la, mas o senhor Dali falou primeiro:

- Está tudo pronto – Ele se aproximou de Eliza, e jogou uma das peças em sua direção dando um susto nela.

Ela se protegeu com os braços, mas a peça os cobriu como se fosse um casaco. Não era metal, apenas parecia, era leve e se ajustava bem no seu corpo, as outras partes se ajustaram naturalmente também.

- Agora o toque final – Ele colocou o que parecia uma tiara em sua cabeça, mas um tipo de vidro desceu dela cobrindo seu rosto.

Eliza sentia que parecia ridícula com a armadura, o tecido refletia como um metal dourado, ela podia parecer um sol se alguém olhasse de longe.

Contudo, Lucien disse:

- Muito bom, senhor Dali. Agora vamos para fora, vai nos acompanhar senhora Margot? - Não, só quero ver o resultado – Ela respondeu ainda admirando o anel.

Do lado de fora, Lucien assobiou e dois pássaros flamejantes se aproximaram amarrados em uma

carroça, um na parte da frente e outro atrás. Iam levá-los até o vulcão no centro, a fumaça que saía dele era vermelha. Subiram e os pássaros levantaram voo.

Eliza se virou para Lucien:

- Você nunca tentou entrar no vulcão?

- Tentei, mas a tecna que está nele foi deixada pelo tecno que tentou dominar tudo. Fui expelido do vulcão na hora que entrei.

- E por que acha que vou conseguir?

- Porque mesmo que uma parte sua esteja aqui, a outra ainda está dormindo. Então ela não vai conseguir se aplicar totalmente a você.

Pararam nas largas bordas do vulcão e Eliza olhou sua profundidade seca com rochas pretas. Uma insegurança passou por ela, será que seu pai a deixaria se arriscar desse jeito? Como sua mãe reagiria se contasse essa aventura? Provavelmente responderia que em vez de um vulcão poderia ser uma quadra de esporte. Essa resposta imaginaria fez Eliza se aborrecer.

- Muito bem – Lucien desamarrou um dos pássaros e o levou até Eliza – Este é Flame, ele vai te levar até

o local da tecna.

- Mas ele não vai ser queimado?

- Não, esses pássaros nascem dos vulcões, é um habitat natural. Ele vai adorar o calor.

- Por isso eles soltam fogo? Blaze também faz isso? Podia ter sido útil contra a flor...

- Não, Blaze é filhote. Só conseguem quando crescem. Tenho mais isso para te entregar – Tirou uma placa dourada e um tipo de pincel de dentro da carroça. Estavam bem escondidos, porque ela nem reparou neles – Você vai copiar a tecna aí. É somente com esses instrumentos que ela funciona.

Eliza queria que ele explicasse mais, no entanto Lucien a fez subir em Flame.

- Você está aqui há bastante tempo. Imagino que vai acordar logo, então não temos tempo a perder.

Nesse momento, um vapor subiu do vulcão e foi substituído por uma fumaça redonda vermelha. Flame bateu as asas e voou diretamente para a fumaça, Eliza se segurou firmemente em seu pescoço enquanto a ave voava da fumaça até o interior do vulcão. Ainda havia vapor, Flame dava vol-

tas como uma criança brincando. Ela agradeceu a armadura de tecido do seu Dali estar funcionando, não sentia nenhum calor.

Olhou na superfície rochosa do vulcão a procura de outra placa de metal. Não achou nada. O que faria se não encontrasse? Voltaria novamente em outro sonho? “Não, preste atenção! Você tem que achar! Não quero decepcionar o Lucien, e se ele não me ensinar magia?” Pensou. Agora o vapor se intensificava e uma nova onda de fumaça vermelha saía das profundezas do vulcão.

Então Eliza reparou em algo. Nas paredes do vulcão uma escrita estranha apareceu quando entrou em contato com a fumaça. Não era uma escrita, ela olhou melhor, era um símbolo que se repetia ao longo da parede. A menina esperava encontrá-lo em outra placa, mas ele estava no vulcão inteiro! Flame já não voava em círculos, então ela conseguiu se concentrar. Esperou outra onda de fumaça subir, e quando ela encobriu a parede o símbolo reapareceu, parecia um escudo, o copiou da melhor maneira que pode. A tinta do pincel era branca e se destacava na

placa dourada. Quando terminou de copiá-lo, uma lembrança passou em sua cabeça. Estava no colo de alguém e olhava uma mão desenhando um símbolo estranho, uma voz masculina dizia:

- Isso pode trazer maravilhas ou tormentos. Por favor, use com sabedoria. O que? Mas, que tipo de lembrança foi essa? Foi algo com seu pai? Por que não se lembrava mais? Flame voou para o alto saindo do vulcão como se soubesse que Eliza tinha conseguido atingir seu objetivo. Ela deveria estar contente, mas algo a perturbava. Maravilhas ou tormentos. Seu pai estava se referindo ao símbolo, a tecna? Se lembrou da desconfiança de Matilde, e Lucien explicando do mago ou tecno maligno. A magia não era boa como ela pensava?

Flame pousou na beirada do vulcão onde Lucien e o senhor Dali esperavam. Eliza desceu do pássaro, senhor Dali deu umas tapinhas nas costas da menina fazendo a armadura desgrudar de seu corpo voltando a se tornar peças pequenas. O vidro que cobria seu rosto voltou para a tiara.

- Sucesso! – Ele se vangloriou – Como esperado!

Lucien olhou para a placa de metal na mão de Eliza.

- Você conseguiu Eliza! - Disse alegremente – Imagino que daqui a pouco você irá acordar, então me dê a placa e...

Sem perceber, Eliza segurava a placa firme.

Perguntou:

- Senhor Lucien? Para que exatamente você vai usar essa... terna? – Por que ela não perguntou isso desde o início?

Lucien voltou a ter uma postura mais séria.

- Tecnas eram muito úteis e há muitos problemas no mundo. Pessoas que não se entendem, brigando, criaturas dominando lugares que nem conseguimos acessar. Sabe, rumores entre os tecnos diziam que o primeiro de nós a aparecer, um mago de verdade, achou um jeito de vir para cá... de outro mundo como você. Mas eu acreditei em mais coisas, que ele até criou tudo isso, esse mundo. Poder criar tudo o que você quer, uso inacabável de magia... pena que tudo está tão difícil. Tenho certeza de que ele estaria decepcionado com a maioria das coisas por aqui...

- Mas! – Protestou Eliza – É verdade tem problemas,

no meu mundo também, mas tem como achar uma solução! E com magia você vai resolver tudo, não é? É para isso que você vai usar... para ajudar os outros... não é mesmo?

Lucien estava inexpressivo.

- Sim, mas vou pensar nos tecnos primeiros. Lembrá-los das vantagens usarem tecnas. E depois nas mudanças ao redor.

- Que tipo de mudança você está pensando? – Eliza perguntou desconfiada. Ela o achava incompreensível agora, dizia que queria fazer do mundo um lugar melhor, mas parecia distante demais. Levou um susto quando senhor Dali falou novamente, até esqueceu que estava lá:

- Seu imbecil, você devia se controlar! Quer assustar a garota? Pelo menos pegue logo a maldita placa.

- Tem razão, me desculpe Eliza. Agora por favor me dê a placa – E estendeu a mão.

- Não... não sei... quer dizer... eu queria... – Por que ela não acordava logo? Percebeu que vários pássaros menores pousavam ao seu redor.

Lucien suspirou.

- Por que você é tão difícil como o seu pai? – Estalou os dedos e todos os pássaros voaram em direção de Eliza.

Ela ergueu os braços se protegendo e sentiu a placa sendo puxada de sua mão por três pássaros, os outros voavam em seu rosto e a aranhavam. Sem perceber deu passos para trás e quase caiu no vulcão, mas o senhor Dali a pegou pelo braço.

- Senhor Dali! – Ela disse agradecida – Obrigada! – Os pássaros se dispersaram.

- Na verdade, só queria tirar a peça restante – E tirou a tiara de sua cabeça – Você foi muito ingênua, mas não te culpo. Eu consigo passar bem pelo meu irmão. Não se preocupe, você vai acordar com isso – E a empurrou para o fundo do vulcão.

9. O viajante entre os mundos.

Eliza acordou quase pulando da cama, pensou no que tinha acabado de acontecer em seu sonho. O que tinha feito? Será que acabou de condenar o mundo do livro? O abriu e folheou, não parecia que nada havia mudado. Percorreu as páginas da fonte e dos piratas e outras dos lugares que não chegou a conhecer. Será que chegaria a conhecê-los? Será que vão ser a mesma coisa depois das “mudanças” de Lucien? Ela se encolheu na cama pensando em o que poderia fazer. Será que avisava Matilde? Ou Elias? Imaginou que Matilde diria “eu tentei avisar!” brava, Elias diria que ela era a pior maga do mundo. E não estaria errado, ela acabou de ajudar Lucien sem pensar duas vezes, e em troca foi enganada e jogada em um vulcão. Além do mais, não parecia que Lucien faria coisas boas com a magia. Como poderia voltar e dizer a eles tudo o que aconteceu? Nunca a perdoariam. Eliza também não queria se perdoar por sua ingenuidade. O que seu pai diria se soubesse que ela provavelmente condenou o mundo em ele viveu?

Não quis pensar em nenhuma resposta, queria apenas ficar na cama até desaparecer entre as cobertas. Mas, isso não aconteceu. Sua mãe a tirou quase a força da cama e tentou animá-la:

- Vamos, levante-se! Temos muito o que fazer!

- Não quero... – Respondeu mórbida.

Ela deu um peteleco na testa da filha:

- Ai!

- Era o que eu fazia com o seu pai quando ele ficava vagando sem rumo pelos livros.

- Ah é? E ele não reclamava?

- Um pouco, mas ajudava porque ele voltava para a realidade – Aproveitou que a filha estava atenta -

Fiquei pensando... se não quer ficar no time tudo bem.

Achei que você gostaria do esporte, mas o importante é fazer algo que você goste. E então? Alguma coisa passa na sua cabeça?

A única coisa que ela gostaria de fazer era usar magia, e nem disso chegou perto. Pensou em falar para sua mãe sobre o que aconteceu, mas o que diria? “Ei, mãe, toda vez que estive no porão nesses últimos dias eu descobri um portal mágico que me

levou para outro mundo. Só que baguncei as coisas por lá, pode me ajudar a concertar as coisas por lá?”. Com certeza sua mãe a levaria para o hospital antes de conseguir levá-la ao porão.

- Não – Respondeu – Talvez seja melhor eu não tentar fazer mais nada daqui para a frente.

- Não diga isso! – Sua mãe a repreendeu – Ainda há muitas coisas que você pode fazer. Por exemplo, receber o seu Daniel. Ele vai voltar hoje da viagem e como sempre vai passar na biblioteca.

- A viagem na cidade vizinha? - Ela perguntou desanimada.

- Pois é. Acho que ele percebeu que não tem muita coisa para visitar.

Eliza saiu da cama, mas ainda não sabia o que fazer. Chegaram na biblioteca e dessa vez ficou sentada em um dos sofás, tirou o livro de sua mochila. O que Lucien estaria fazendo agora? Para o que usaria a tecna? Será que já a usou? Ela ficou apreensiva imaginando que as páginas do livro iriam mudar de alguma forma, ou que até explodissem. E se levasse sua mãe até o porão sem dizer nada?

Como ela reagiria se visse o portão brilhando?

Entraria com ela ou...

- Ah! Seu Daniel, seja bem-vindo! – Disse sua mãe, cortando os pensamentos de Eliza – Como foi a viagem? Se é que posso chamar assim...

Seu Daniel entrou na biblioteca e as cumprimentou:

- Bom dia Cláudia e Eliza, a viagem foi ótima! Os prédios de lá são muito parecidos com os dessa cidade, muito interessante. Mas, não havia muito para ser analisado.

- Quase todos são parecidos. Nunca saiu da cidade antes?

- Até dois dias atrás não, fiquei alguns anos observando com cuidado tudo por aqui, e os edifícios também... ora – Ele olhou para Eliza – Eliza, não imaginei que você acharia este livro.

Ele se aproximou e pela primeira vez ela o observou com atenção. Era estranho, de alguma forma ele era familiar, os olhos, as rugas, a pinta acima da bochecha esquerda... Eliza deu um pulo e se afastou, segurando o livro. Seu Daniel era uma versão arrumada e gentil do senhor Maldo... era possível?

- Você... eu não reparei antes... – Não soube o que fazer, não conseguiu encará-lo. Correu para fora da biblioteca, se sentindo uma medrosa.

- Eliza! – Ouviu sua mãe gritar.

Ela corria segurando o livro, não sabia onde pararia. “O senhor Dali saiu de férias” Elias tinha dito, mas logo no mundo dela? E como? Parou de correr e ficou arfando. Eliza sabia que era ele, não se esqueceria do seu Maldo facilmente, e seu Daniel era idêntico. Só que sem barba e cabelo desgrenhado.

Ouviu o som de crianças brincando. Olhou ao redor, estava em um parque da cidade. Ela se sentou na grama e observou as crianças brincando em gangorras e balanços, mais para trás um grupo de meninas jogavam vôlei... Eliza as reconheceu. Eram suas colegas, estavam treinando. Faziam saques e se errassem tentavam de novo e de novo.

Se perguntou se estaria com elas caso não tivesse descoberto o portão, treinando de verdade. Ela não gostava de jogar, e preferiu a magia, achou que aprenderia naturalmente, sem esforço... Por que achou isso?

Elas pareciam se divertir, Felícia viu Eliza e acenou. Ela retribuiu, e não parou de pensar que se houvesse se esforçado poderia estar aproveitando o tempo com elas.

- Bem que sua mãe disse que você não correria por muito tempo. Eliza se virou, seu Daniel estava atrás dela.

- Me desculpe... sair correndo assim... - Posso me juntar a você? – Ele perguntou.

Ela assentiu e seu Daniel se sentou ao lado dela. Eliza ficou quieta, não sabia o que dizer.

- Hum... – Ele pôs a mão no queixo – Imagino que você foi ao meu mundo. E mais... Acredito que conheceu meu irmão! – Ele deu risada – Não é à toa que fugiu! Quando quer, Maldo pode ser desagradável até com uma formiga.

- Como veio parar aqui?

- Da mesma forma que você foi parar no meu mundo, por tecna.

- Mas! Então você é um mago, quer dizer, um tecno? - Não, o que tenho é uma tecna dada por, acredite se quiser, seu pai. Por isso consigo ir e voltar pelos por-

tões. No entanto, para você é mais fácil, pelo menos na locomoção.

- O meu pai... então ele foi mesmo um ma... tecno – Falou sem grande emoção.

- Achei que você ficaria mais contente em descobrir isso.

Ela balançou a cabeça, sentiu lágrimas em seus olhos.

- Seu Dani... Dali, eu acho que machuquei o seu mundo... – E explicou tudo para ele.

Quando terminou olhou novamente suas colegas. Agora elas descansavam e conversavam alegremente.

- Eu parei para pensar... nunca me esforcei de verdade, no jogo e talvez em outras coisas, achei que... se fizesse magia tudo ficaria simples.

- O que exatamente ficaria simples, Eliza?

- As coisas por aqui... com a mamãe, as meninas e... com o meu pai.

- Como?

Ficou um momento quieta.

- Eu não tenho muitas lembranças dele. Então acho

que... imaginei que com magia eu estaria mais próxima dele, e me tornaria útil de alguma maneira.

Senhor Dali assentiu:

- Entendo, mas você é jovem, ainda tem muito no que pensar em relação a sua vida e os caminhos que irá escolher. Você foi usada, ajudou a pessoa errada, mas tem a chance de consertar as coisas.

- Como vou fazer isso?

- Com a minha ajuda, e a dos outros espero eu.

- Você vai me ajudar?

- Sim, sozinha você não conseguirá fazer nada. Então, vamos resolver juntos, está bem? Tanto os problemas do meu mundo e do seu.

- Mas, como? – Ela insistiu – Não sei o que Lucien pretende fazer, ele já pode ter usado a tecna para...

- Tente pensar no agora, no que vamos fazer.

Eliza tentou se acalmar. Senhor Dali falou:

- Eu tenho uma ideia. Tenho uma vantagem ao meu favor por entender de tecnas.

Ela concordou e os dois fizeram o caminho de volta.

10. Um grupo inesperado se une.

Na entrada da biblioteca, a mãe dela veio a seu encontro:

- Eliza! O que deu em você? Sair correndo desse jeito!

No que estava pensando?!

- Me desculpa... eu... fiquei sem saber o que fazer, de novo...

- Mas, o que aconteceu? Desde manhã você está estranha –

Senhor Dali entrou na conversa:

- Acontece Cláudia, que antes de ir para a minha viagem, eu pedi para a Eliza cuidar de um livro para mim. Mas, você derramou água nele, não foi Eliza? E depois ficou com medo de que eu me aborrecesse.

- Hã... sim... eu não queria ver sua reação.

Sua mãe ainda parecia desconfiada, então o senhor Dali disse:

- Mas está tudo bem. Nós vamos cuidar disso, nesse meio tempo... Cláudia, acha que seria incomodo se eu pedisse para comprar aqueles biscoitos da “Pradaria Raquel”?

- Você quer dizer padaria. Por mim tudo bem, mas

ela fica do outro lado da cidade. Apesar que eu precisava sair e resolver alguns detalhes para a reforma.

- Bom, todos os clientes os adoram, gostamos de ser mimados de vez em quando. Pode deixar Eliza comigo.

- Tudo bem – Sua mãe suspirou – Se tem uma coisa que o Marcos me ensinou, é que vale a pena agradar o cliente. Eliza, você está com mais juízo agora?

A menina assentiu.

- Bom... então me ligue se precisar. Vou deixar a chave com vocês.

Depois que entraram na biblioteca, Eliza perguntou:

- Você não acha melhor dizer a verdade para ela?

- Infelizmente não. Pelo menos ainda não – Foram em direção ao porão – Sua mãe já tem bastante preocupações, e... acho que deve ser você a contar para ela, quando achar oportuno.

Quando ela achasse oportuno... E quando seria isso?

No porão, senhor Dali olhou para as prateleiras quebradas da estante e o buraco no corredor.

- Ah é... Eu quebrei isso...

- Estou vendo... não é nada que eu não possa consertar. Vai ser mais adequado fazer uma nova prateleira, ou... não, não - Ele se concentrou - Não é hora de pensar nisso, vamos Eliza. Muita coisa deve estar acontecendo para Lucien. Já deve ter notado que o tempo aqui é diferente do meu mundo, não é?

- Sim! Aqui só se passa alguns minutos, e lá parecem horas... é por isso que pedi para minha mãe sair?

- Sim, não sei quando tempo vamos demorar. Vamos torcer para que seja o suficiente - Entraram no buraco - Agora me diga Eliza, você teve contato com a minha terra natal primeiro? A Ilha Maravilha?

- Sim... não, espera - Então se lembrou - Não foi a primeira coisa que eu realmente me deparei... eu vi a Blaze! O pássaro do Lucien! A Blaze...pareceu piar descontroladamente quando eu coloquei o livro na página da Ilha...

O Senhor Dali ficou pensativo.

- É possível que Lucien não perdeu toda a tecna relacionada aos portões, já que conseguiu fazer sua ave chegar até você.

Eliza colocou o livro no buraco e o portão apareceu.

atrás das grades se via as árvores da Ilha Maravilha

- Por que ele perderia a técnica?

- Porque o técnico maligno, em teoria, perdeu suas habilidades.

- O que? Então ele era...

- Não tenho certeza. Mas com o pássaro, ele devia estar esperando alguém, como você, para tentar levá-lo onde precisava.

Mas ela nem tinha feito o portão aparecer! Era como se Blaze tivesse saído do próprio livro, Lucien era tão habilidoso assim?

Passaram pelo portão, e chegaram ao ambiente florido e colorido da ilha. Tudo parecia normal, ainda nada de ruim havia sido feito. Ela seguiu o senhor Dali em direção aos portões que davam entrada para a vila, começou a se sentir nervosa ao pensar em como Elias e os outros da reagiriam ao que ela fez. Mesmo que ela tivesse sido enganada, seriam compreensivos como foi o senhor Dali? Os habitantes ao verem o inventor saíam de suas casas ou paravam seus afazeres para recebê-lo alegremente. Os louva deuses mecânicos pulavam de um lado para o outro

como se nada acontecesse. O velho respondia calorosamente e pediu que todos se juntassem na fonte pois iria dar um recado.

Eles se entreolharam preocupados, então Eliza se lembrou que a fonte estava quebrada, por isso Elias e os outros saíram a procura dele. E como coincidência, os três também apareceram no meio da multidão.

- Não acredito! Você achou o senhor Dali maga? Realmente fez magia? – Perguntou Elias.

- Elias, você não consegue dar um tempo nesse assunto? – Perguntou Lisa incomodada.

- Infelizmente, querida Lisa, esse assunto agora é de grande importância para nós. Vou explicar melhor na fonte... O que foi? Que caras são essas?

Uma das moradoras começou a explicar para seu Dali o que aconteceu em relação a seu Maldo e o buque. Senhor Dali apenas assentiu e foi em direção a fonte, que agora não funcionava. Eliza reparou que ela fazia uma grande diferença para as pessoas, até o rosto esculpido nela parecia tristonho. Senhor Dali suspirou e disse para si mesmo:

- Ah Maldo, por que tudo é tão difícil entre nós? – Voltou sua atenção para os habitantes – Não se preocupem, vou cuidar do buque depois. Agora tenho algo importante a dizer...

- Mais importante do que o buque? – Perguntou um morador, contrariado.

- Sim, porque esse assunto é sobre o nosso mundo. Enquanto explicava, Eliza ficou olhando para o chão. Não queria ver a reação deles, mas precisava falar alguma coisa. Senhor Dali estava contando como foi jogada no vulcão por seu irmão e ela não aguentou mais:

- Eu! Eu... estou me sentindo uma tonta... Matilde até tentou me fazer mudar de ideia, mas não escutei... eu sinto muito...

As pessoas discutiam agora:

- Eu sabia! Não foi bom uma maga ter aparecido! O que vai acontecer agora?

- Não devemos deixar ninguém se aproximar da ilha! Devemos destruir o portão!

- Vocês estão agindo errado – Senhor Dali falou firmemente – Não podemos pensar apenas em nós,

temos que conseguir ajuda de outras pessoas e criaturas também. Não é apenas a ilha que está em perigo.

- Os estrangeiros nem gostam de nós!

- Mas... – Oliver disse – É porque nós nem tentamos nos comunicar direito também...

- Quando tentamos é mais briga – Lisa falou.

As pessoas concordaram.

- Por favor! Eu sei que sou uma estranha para vocês também, e que não devem gostar de mim, mas... –

Eliza disse.

- Não é verdade! – Elias a interrompeu – Eu ainda posso não te conhecer muito ma... Eliza, mas eu acho que seria divertido entender você, e... eu não acho que a culpa é só sua, quero dizer - Ele ficou sem graça -

Eu acabei falando para todo mundo que você era uma maga e o rumor se espalhou por todos os lugares... não facilitei nada para você, não é? Então... me desculpa também.

- Elias... – Lisa ficou surpresa – AH! Não esperava isso de você – Colocou as mãos na cabeça – Droga, se você é capaz de se desculpar eu acho que... querem

saber? Não vai adiantar ficarmos parados esperando o pior.

- Então é melhor procurarmos ajuda. Quem está disposto por aqui? – Perguntou Oliver.

Poucas pessoas ergueram a mão, Elias e Lisa foram algumas delas.

- Vamos todos ao portão dos magos – Ordenou o senhor Dali – Temos muito o que fazer.

Os que se voluntariaram começaram a juntar várias ferramentas e artefatos que acharam ser úteis, o senhor Dali entrou em uma das casas com joias e saiu com vários objetos nos braços. Se dirigindo ao portão, ele explicou:

- Vocês podem ir para qualquer lugar quando a Eliza escolhe a página do livro. Assim, vamos nos dividir e ir para lugares conhecidos atrás de ajuda. Vamos ter que dar o nosso melhor.

- Sozinhos não vamos convencer ninguém, a maga tem que ir conosco – Falou um dos acompanhantes.

- Eliza e eu temos que ir em um local específico, e pelo que imagino Lucien já deve estar próximo desse lugar. As Montanhas Nevascas. Mas, realmente não

gostaria de deixá-los sozinhos.

- Talvez não precisem! - Eliza teve uma ideia – Senhor Dali, só preciso de um pouco de tempo, talvez eles ainda estejam perto...

- Eles quem? – Perguntou Elias

- Matilde e os outros.

- A pirata? – Lisa questionou.

- Sim! Talvez eles nos ajudem! Não acham uma boa ideia?

- Qualquer ideia e ajuda é de grande importância.

Além do mais, nós e os piratas seriam uma combinação e tanto para as pessoas – Oliver ressaltou.

- E como vai chegar até os piratas? – Alguém perguntou – Mesmo que estejam perto vão estar no meio do mar!

- Não se preocupe! Vocês têm aqui o melhor voador da Ilha – Elias se vangloriou e pegou o tecido que se transformava em asas – Vai ser fácil!

- Você é metido de mais – Eliza falou rindo – Não vamos demorar.

Senhor Dali concordou, aproveitou o tempo e come-

çou a montar um objeto com as peças que trouxe.

Os outros o ajudavam como podiam, enquanto Eliza e Elias passavam pelo portão.

- Quem diria – Elias exclamou ao sair do portão e pisando sem jeito nas rochas – Você acabou me levando em um portão! Magia realmente é incrível! – Sentiu o vento e a brisa do mar – Tem bastante vento, vai ser fácil mesmo.

- Você não tinha certeza se ia ser fácil?! Você é bem inacreditável, mas destemido – Agora ele erguia o tecido que se inchou como um balão gigante acima de sua cabeça – Já eu...

- Já sei. Você ajudou o mago, já entendemos. Mas, não é como se você só tivesse feito coisas erradas.

- Como assim?

- Se não fosse por você, não sei se teria conseguido pegar o buque do senhor Maldo. Ou teria, quem sabe. Você mesma disse que sou destemido. Devo ter algo de especial também, você até sonhou comigo.

- Metido. Sonhei mesmo, mas você não sem lembrou de mim...

Elias olhou para ela, parecendo culpado:

- Vamos fazer assim, já que me levou pelo portão, quando tudo isso acabar eu te levo para voar. É uma promessa – Deu um impulso e o balão subiu, mas estourou se transformando em asas.

Ele aproveitou o vento e se distanciou até Eliza não conseguir mais distingui-lo do céu. Alguns minutos depois, um navio apareceu no meio do mar. Quando chegou mais perto, reconheceu a lula gigante ainda presa no mastro, os piratas se amontoaram na borda do navio. Elias estava entre eles:

- Ali! Eu disse que ela estava comigo! O que? Não precisa apontar essa espada!

- Maga – Perguntou o capitão – O que está acontecendo? Por que esse menino irritante veio até nós?

- Irritante?! – Elias ficou indignado.

- Você está controlando ele maga? – Davi perguntou casualmente.

- Ela não consegue fazer isso! – Matilde disse – Eliza, o que aconteceu?

- Um coisa ruim, por favor precisamos de ajuda, é sobre o mundo de vocês. Você estava certa em des-

confiar dele Matilde...

Os piratas cochicharam, olhavam desconfiados para Elias e ele olhava diretamente para as espadas. Um deles perguntou:

- O que vamos ganhar em troca de ajudar?

- Bom... uma eterna gratidão das pessoas?

- Ah! Queremos algo material! – Falou Davi.

- Para de ser besta! Você vai ganhar o seu mundo salvo – Disse Matilde – As pessoas da Ilha não vão reclamar?

- Não todas... – Falou Elias, deixando os piratas zangados – Mas! Tenho certeza de que o senhor Dali pode fazer uma recompensa depois. O que pedirem! –

Elias acrescentou, não parecendo muito confiante.

Os piratas ficaram interessados, o capitão também gostou da ideia.

- Recompensa do faz-tudo... não é ruim. Vamos piratas! Temos uma nova tarefa! – O capitão ordenou.

11. As tecnas nas Terras Nevascas.

Se tornou uma situação constrangedora quando todos se reuniram. As pessoas da Ilha ficaram de um lado e os piratas de outro, sem trocar comentários. Senhor Dali dava as instruções para cada um ao mesmo tempo que terminava de montar sua nova criação, os piratas olhavam impressionados com a rapidez que suas mãos trabalhavam.

Senhor Maldo perdia por pouco. Quando terminou, apoiou o objeto no chão mostrando para todos. Elias ficou impressionado, os outros ficaram se entender. O inventor montou um estilingue quase da sua altura, mas o elástico que deveria estar preso as partes de cima na verdade era um conjunto de cordas entrelaçadas parecidas como a brincadeira “Cama de Gato”.

- Ainda não tenho um nome definido para essa invenção, mas ela vai funcionar do seguinte modo: Ao puxar essas cordas, elas se desgrudarão e atingirão o alvo, no caso Lucien e meu irmão. Entrando em contato com eles, a corda os prenderá completamente, como Lucien não consegue usar su-

as tecnas, ou magia – Acrescentou reparando no estranhamento das pessoas com a palavra -Temos uma boa chance, talvez o meu irmão vai ser o maior problema. -

- Parece uma ideia boba – O capitão disse sem piedade – Mas, você é o inventor. Para que nos chamaram se já tem um plano?

- Porque sempre é bom ter outra opção. Maldo é muito esperto, não podemos descartar a possibilidade de ele tramar alguma coisa. Por isso, a ajuda de vocês é necessária, e de todos os outros que conseguirem, das autoridades principalmente. Vai ser uma questão de muitos contra poucos.

Os piratas se entreolhavam, não pareciam muito satisfeitos, iriam ter que passar pelo portão com os habitantes da Ilha, em duplas. E eles também não pareciam felizes, ainda assim Lisa disse:

- Então vamos lá! Eliza, eu quero ir para a Floresta Cachoeira, pode... colocar na página para mim?

- Na floresta? Com os louva deuses? Eles vão querer te matar! – Matilde avisou.

- Não se eu conseguir as folhas que eles amam. Eu

quis pegar antes e dar para eles. Mas, tudo aquilo aconteceu. Dessa vez, vou estar mais preparada.

- Ah... eu nem tinha percebido – Matilde ficou ressentida - Bom, com certeza você vai precisar de ajuda! Eu já sei aonde vou, quem sabe eu consigo mais diamantes e ficar mais chique que a dona Margot!

As pessoas riram, a moda extravagante de dona Margot era bem conhecida. Isso mudou um pouco o clima, e Eliza aproveitou para colocar a página do livro na Floresta Cachoeira. Matilde e Lisa atravessaram o portão e em seguida uma nova dupla se aproximou e atravessou o portão, mas com outro destino. Por fim, sobrou ela e o senhor Dali e a pedido dele colocou na página das Terras Nevascas. Deu um casaco quente para ela “Muito gelado, mas as esculturas são fantásticas!”, disse e atravessaram.

No outro lado, os dois saíram em uma pista de gelo que estava no meio de uma das montanhas, e nela havia grades para que não caíssem do lado de fora. Não chegou a sonhar com as Terras Nevascas, e por

imaginava que seria apenas montanhas com neve, no entanto o que via eram lindas montanhas esculpidas de gelo e delas saíam escorregadores como se fossem pistas de patinação.

No lugar em que estavam, também havia várias saídas com um escorregador. Cada pista se entrecruzava formando um verdadeiro labirinto de gelo, reparou que em algumas delas desciam grandes bolas de neve do topo das montanhas:

- O que... o que são essas bolas de neve gigantes?

Senhor Dali estava organizando seu equipamento:

- Ahh... são os espantalhos de neve, eles ficam tirando a neve acumulada. Antes, faziam isso a pedido dos tecnos. Pelo visto não quiseram se aposentar –

Segurou o equipamento e começou a andar – Acredito que isso não irá nos atrapalhar, vamos Eliza, preciso de uma boa posição, cuidado para não escorregar.

Ela tirou o livro do portão e o seguiu pela pista, mas sua curiosidade a fez perguntar:

- Como assim os tecnos pediam?

- Eles usavam este local para se reunirem, você vai

que existem vários portões por aqui, cada um levando a um lugar diferente.

- Então, eles não precisavam do livro?

- Usavam uma técnica diferente – Eliza se lembrou do símbolo no túnel – Mas, tinha a mesma função do livro. Como mencionei, aqui seria um ponto de encontro, os portões facilitam a entrada. Já imaginou todos os tecnos usando um único portão para chegar até aqui? Se tornaria um verdadeiro caos.

Ele parava constantemente olhando para baixo por meio das grades, ficava uns segundos analisando, balançava a cabeça e seguia em frente. Eliza olhou para o livro em suas mãos. “Então isso também é uma técnica? Mas, Lucien não parecia interessado... Não é tão importante assim? Será que é ultrapassado?”.

- Ai! – Eliza exclamou. Senhor Dali parou abruptamente fazendo com que ela batesse em suas costas.

- Me desculpe Eliza, mas é que achei a posição perfeita, veja – Ele apontou para baixo, além das grades. Ela apertou os olhos, só conseguiu enxergar

no chão de neve um caminho que levava até uma montanha – Se não me engano, é naquela montanha que Lucien entrará, tem uma abertura mais à frente.

- Por que ele vai entrar lá?

- É o local principal daqui. O mais antigo, do primeiro tecno desse mundo. Não sei o que ele vai querer quando estiver lá dentro, ou como vai usar a tecna.

Por isso, é melhor pará-lo antes que entre – E colocou o estilingue no chão, fazendo os preparativos finais – Mirando nesse ângulo... vai passar perto daquela pista, mas...

- Senhor Dali?

- Sim? - Como sabe tanto de tecnos?

- Por causa do seu pai. Eu sou um admirador das tecnas, e ele teve muita paciência em me explicar - Ele tirou uma pérola de seu bolso, havia um símbolo em torno de sua superfície que Eliza não conseguiu decifrar - Seu pai fez essa tecna para mim, é por isso que consigo usar os portões. Eu considero um presente, apesar de eu mesmo ter pedido. Uma pessoa especial era o Markus. Não é justo o que aconteceu com ele e com os outros, mas as circuns-

tâncias não foram favoráveis a eles.

Ele tirou dois apitos de seu bolso e entregou um a Eliza:

- Acredita que encontrei isso no seu mundo? Não tinha pensado em algo assim antes, e vai ser muito útil para nós. Eliza, quero siga mais à frente, deve haver outro portão aqui perto. Lucien já deve estar próximo, vou tentar capturá-lo antes que chegue a seu destino. Se falhar, vou apitar e você colocará o livro no portão abrindo as passagens. Você se lembra bem das páginas?

- Sim! – Ela respondeu e foi andando, mas se virou – Boa sorte, senhor Dali... e obrigada por ser paciente comigo.

Ele sorriu em resposta, e Eliza seguiu em frente.

Andou por alguns minutos e finalmente encontrou outro portão, na frente dele havia outro escorregador. Ficou atenta esperando o som do apito, abriu os livros e deixou na página em que Elias passou pelo portão. A imagem era de um lugar fechado do tamanho de um campo de futebol, mas dividido em pequenos espaços. Se alguém conseguiria algum

primeiro, com certeza seria Elias pela insistência. “Piu”, ouviu Eliza. Um arrepio passou por ela, olhou para o céu entre as grades. Não havia nenhum pássaro por ali, o que...

“Piu”, de novo. Vinha de dentro, de onde ela estava. Ergueu a cabeça olhando o teto e o viu. Um pássaro preto com asas amarelas que lembravam chamas estava em cima do portão, retribuindo o olhar para Eliza. A menina reconheceu a ave:

- Bla... – Blaze abriu o bico e uma rajada de fogo saiu de sua boca – AHH! – Eliza se afastou, escapando das chamas, mas escorregou no piso gelado perdendo o equilíbrio – Ah não! – Caiu de costas no escorregador e começou a deslizar com a descida, ficando cada vez mais longe da montanha.

Sentiu que estava em um tobogã, segurava o livro firmemente em seu peito. Tentou apitar, mas já estava muito distante, o senhor Dali não a escutaria. Ela se sentou e virou de frente, o vento era muito frio, mas logo diminuiria já que o fim do escorregador estava bem em frente.

Eliza estava em uma velocidade rápida, e quando

chegou ao final ainda deslizava, mas um monte de neve em sua frente a fez parar, caindo de cara na superfície macia. Se levantou, mas quase caiu de novo ao ouvir uma voz:

- Ainda bem que tenho uma memória boa. Não achei que você voltaria, mas Maldo estava certo. A consciência pesa para vocês.

Lucien estava bem a sua frente, usava um casaco quente e uma touca. Era uma mancha no meio da nevasca:

- Lu... Lucien... você já está aqui... – Falou estupidamente.

- Pois é. Quem diria, não é Eliza? Eu finalmente consegui chegar até aqui, finalmente vou ter minha chance. E você está aqui também – Ele olhou para o livro com desprezo – Mas, de uma maneira mais fácil. Ela ficou parada, sem saber o que fazer. Corria? Gritava? Brigava? Não, perderia facilmente para ele. Senhor Dali ainda devia estar esperando na montanha até Lucien aparecer... e se...

- “Mais fácil”, por que eu usei o livro? Você não gosta dele, Lucien? Ele não é um tipo de tecna?

Lucian pareceu surpreso com a pergunta calma da menina:

- É uma tecna sim. Uma que não gosto – Ele sorriu – Mas, graças a você tenho uma tecna verdadeiramente útil.

Eliza não queria ouvir sobre como o ajudou. Devia continuar o plano de alguma maneira.

- Mas... se você não usa o livro, como faz a tecna?

Ficou novamente surpreso:

- Olhe para você Eliza, se interessando por tecnas. Já que está curiosa, eu vou te mostrar. Quem sabe você use a razão. Mas, – Ele estalou os dedos e Eliza sentiu algo pousar em sua cabeça – Não confio em você, assim como você não confia em mim. Então Blaze vai ficar de olho no que você faz, e se tentar algo estranho... bom, já viu as chamas. Então, vamos?

12. Balões, piratas e louva-deuses.

- Você disse que Blaze não podia soltar fogo. Porque ela era filhote.
- Eu menti.
- Ela podia ter nos ajudado quando estávamos presos com a flor!
- E arriscar queimar os diamantes que Margot queria? Não, eu não podia perder a ajuda dela. Eu ia dar um jeito de me livrar daquela situação – Se virou – Sempre dou.

Eliza seguiu Lucien, e depois de alguns minutos, eles chegaram até uma das montanhas. Blaze estava aconchegada na cabeça dela, e a menina não se atrevia a fazer nada radical. Mais perto, um caminho encoberto pela neve os levava diretamente até uma grande entrada esculpida na base da montanha.

Assim como todos os lugares da Terra Nevasca, a entrada era feita com gelo dando uma elegância que surpreendeu Eliza, suas portas estavam fechadas. “Consegui”, ela pensou. “O Lucien deve estar no lugar certo. Agora só falta o senhor Dali soltar a a corda!”. No entanto, nada acontecia. Lucien estava

de frente para ela, mas olhava Eliza pelo reflexo.

- Esperando algo, Eliza? – Ele perguntou

- O que? Não! Quero dizer, apenas que você me mostre a tecna.

- É mesmo? Não está esperando alguma armadilha ou alguém para me prender? Como, por exemplo... – Ele virou para trás – O amado irmão do Maldo?

Ela se virou abruptamente, esquecendo por um segundo de Blaze em sua cabeça. Se aproximando deles, um estrambelhado seu Maldo puxava uma corda que Eliza reconheceu ser a mesma do estilete, e quem estava amarrado nela...

- Maldo! – Senhor Dali falou – Pare com isso! Olhe onde suas ações estão te le...

- Fique quieto! – Ele ordenou – Não quero saber de suas éticas!

- Maldo...

- Algumas pessoas têm que ser movidas por desejos egoístas – senhor Maldo disse – Ninguém consegue ser perfeito Dali – Se virou para Lucien – Ande logo! Estou congelando aqui.

Lucien se aproximou da entrada e tirou de seu casaco

a placa de metal com a terna, e tirou outra coisa. Um conjunto de anéis, colocou um por um até a metade dos dedos na mão direita e imediatamente ela começou a brilhar como se usasse uma luva prateada. Lucien pareceu incomodado, sentindo um desconforto.

- Ah, Maldo... no que você se meteu? – Seu Dali falou preocupado.

Lucien se virou para a menina:

- Preste atenção, Eliza.

E encostou a mão prateada na placa. Dela saiu um brilho como uma linha que seguia a direção da mão de Lucien. O mesmo símbolo que foi desenhado na placa por Eliza, foi redesenhado, na sua frente em um tamanho maior e sem precisar de uma superfície. No entanto, ela o havia desenhado da esquerda para a direita, ele fez o contrário. Tenso, Lucien encostou o desenho flutuante na entrada da montanha, mas não entrou em contato com ela, e sim em uma barreira que apareceu e a cobriu por inteira. Ele deu um empurrão e a desenho se fundiu na barreira. Com um barulho estrondoso, a barreira se quebrou e seus

pedaços foram desaparecendo, assim como a teca. Lucien jogou a placa no chão e retirou os anéis dos dedos aliviado. Depois deu uma risada baixa, falando para si mesmo:

- Consegui... – Abriu os braços e ergueu a cabeça para o céu – Consegui! – Gritou – Olhem para mim agora! Mestre! Markus! – E empurrou as portas entusiasmado. Dentro havia um breu, mesmo assim, Lucien entrou.

- Não... – Eliza disse – Não pode ser... acabar assim... Sem pensar, pegou Blaze em cima de sua cabeça e a segurou em uma das mãos no lado oposto de seu corpo. A ave lançou algumas chamas, mas não a atingiram. Ela corria atrás de Lucian adentro da montanha. Ouviu seu Dali chamar por ela, mas sua atenção estava voltada para Lucien e o grande salão que havia dentro da montanha.

O lugar era iluminado pela luz de fora, e estava muito limpo. Era o único lugar sem ser feito de gelo, havia mesas e cadeiras, escadas que levavam a um andar superior e um palco atrás das escadas com poltronas para a plateia.

- Lucien!

Ele estava indo em direção ao palco, Eliza o seguiu e reparou que ao final do palco em vez de uma parede havia um portão parecido com o que ela usava para se transportar. No entanto, atrás das grades estavam organizados várias e várias placas de metais protegidas por vidros como fileiras de livros em uma estante, contudo tinha um espaço sobrando entre duas placas.

Não havia um cadeado ou uma fechadura, por isso Lucien as abriu facilmente. Ela o alcançou, mas ele não ligou para a menina, observava fixamente as placas. Lucien não estava mais entusiasmado ou feliz, e sim, preocupado.

- Não... por quê? Onde está?! – Ele mexeu no espaço vazio desesperadamente, e depois pegou algumas das placas, vendo uma por uma – Não é... – As jogou no chão e pegou mais. As analisou e as jogou no chão novamente – Não! Eu tenho certeza! Tem... tem que estar...

Eliza olhou para as placas no chão, cada uma continha um símbolo diferente, ou seja, uma tecna

diferente. Lucien jogava mais delas brutaemente, entre elas, a menina reconheceu o mesmo símbolo que aparecia no túnel dentro dos portões. Blaze ainda estava em sua mão direita piando, mas sem cuspir fogo, com a outra mão pegou a placa. O vidro que a cobria podia ser aberto e a placa retirada dele. Sabia para que servia essa terna, mas o que podia fazer? Nesse meio tempo, Lucien desistiu das placas e apoiou os braços em uma das fileiras. Enfiou a cabeça entre eles, como um derrotado.

- Tinha que estar aqui... algum deles roubou?

Realmente a tirou daqui? Teriam coragem...

- Lucien... por favor, o que você quer não está aqui, esqueça dos seus planos. Não tem por que você continuar, ainda dá para se redimir e procurar outra solução...

- Outra solução? – Ele repetiu as palavras como se as cuspiisse – Não tem outra solução. Era isso ou nada...

- Você pode ajudar o mundo de outra forma...

- O que você sabe sobre o mundo Eliza?! O que sabe sobre esse mundo que você nem faz parte?! – Ele se virou para ela – Você é a última pessoa de quem que-

ro escutar o que é certo ou errado!

- Eu sei que não faço parte! Mas, o meu pai fazia! E não quero que o mundo dele vire algo ruim!

- Algo ruim?! Você é igual a ele, sempre presumindo o pior! Ele não me deu uma chance antes. E quando achei que poderia conseguir, ele morre! E só me sobra a filha dele!

Eliza ficou chocada, mas tentou raciocinar:

- Era tão importante assim a ajuda dele? Vocês eram amigos talvez? Sim! Deviam ser! Lucien, você podia ter me levado direto para pegar a tecna, mas preferiu que eu sonhasse para não correr perigo de verdade, não é? Por causa do meu pai, você não queria que eu me machucasse e... até mandou eu voltar para os meus pais, e ficou abalado quando eu contei sobre ele ter...

- Fique quieta! Eu queria que você voltasse e falasse com ele, sabia que era filha dele porque veio de outro mundo! Mas, ele se foi. E realmente pensei na sua segurança Eliza... Logo de você, filha de alguém que preferiu fugir como vários outros covardes! Para o resto de nós, só sobrou uma pequena esperança... -

Ele respirou fundo – Esperança... não posso perder o que me resta – Organizou as placas no chão – Vou levar o que conseguir... me entregue essa placa Eliza, e faça o favor de soltar o meu pássaro.

Lucien se aproximou. Eliza olhou para as grades do portão e uma ideia veio em sua cabeça que poderia muito bem dar errado, mas...

- Eu queria poder falar mais do meu pai com você... pena que agora você o odeia.

Apertou Blaze em sua mão, e involuntariamente ela lançou um jato de fogo que atingiu Lucien e as placas. Ele se afastou das chamas, largando as placas no chão.

- Não! Não, não... – Ele as tentou pegar, mas estavam quentes demais – Você enlouqueceu?! O que? Eliza, espere! – Mas, mesmo que gritasse, ela não pararia. A menina largou Blaze, e quando Lucien foi atingido pelo fogo, Eliza correu em direção as grades do portão com a placa em suas mãos. Tirou ela do vidro, e o jogou no chão, se conseguisse imitar Lucien... Colocou a mão na placa e tentou pegar uma linha brilhante, mas nada aconteceu.

O que aconteceu, foi que Lucien agarrou sua perna tentando pará-la e Eliza caiu, e a placa escapou de suas mãos, caindo mais à frente encostando nas grades.

- Ah não... – Ela e Lucien falaram ao mesmo tempo. Espera, por que Lucien também estava lamentando? De repente, o símbolo da placa apareceu nas grades do portão, e ele brilhou. E não foi o único, mesmo que os dois não vissem, todos os portões das Terras Nevascas começaram a brilhar, e de alguns deles saíam pessoas com as mais variadas armas nas mãos.

Todos começaram a descer pelos escorregadores, e iam para a mesma direção. Dentro da montanha, Lucien se afastou do portão e tentou pegar algumas placas, mesmo que os vidros estivessem quentes.

- Droga! Agora você nos condenou mais, Eliza!

Antes que pudesse responder, uma mola surgiu da entrada e se enrolou em Lucien o puxando para fora, deixando as placas caírem.

- Vamos embora! – Senhor Maldo gritou, controlando a mola do outro – Antes que eles nos alcancem!

- Não! Não posso ir sem levar pelo menos uma delas!

- E assobiou.

Cinco pássaros flamejantes surgiram voando em direção a Lucien, eram do tamanho de cavalos. As pessoas já se aproximavam, não eram muitas, Eliza saiu da montanha, o senhor Dali ainda estava amarrado no chão.

A maioria eram as pessoas da Ilha e os piratas, outras tinham pistolas em suas mãos e se preparavam para atirar, no entanto Lucien foi mais rápido:

- Queimem! – Ordenou, e os pássaros lançaram chamas na direção das pessoas, as fazendo recuar, até que...

- EI PASTOR! – A voz de Matilde veio do alto.

Eliza olhou para o céu, Matilde e Lisa estavam voando nos céus em cima de louva deuses que seguravam folhas prateadas nas garras e pareciam alegres indo em direção dos pássaros. Os pássaros mudaram seus alvos para os louva deuses.

As pessoas aproveitaram que as chamas cessaram e correram em direção de Lucien e do senhor Maldo,

com as pistolas e espadas em mãos.

- Eliza! SE PROTEJA! – Oliver gritou no meio das pessoas.

Eliza voltou para dentro da montanha, senhor Maldo colocou um pedaço de metal em seu braço que foi se expandindo por seu corpo. Quando as pessoas atiraram, as balas não o machucavam, ele se colocou na frente de Lucien:

- Temos que ir! Não vamos conseguir lidar com todos!

- Ele falou.

- Não posso! – Respondeu Lucien – Preciso das placas!

- Vamos ser pegos imbecil!

- Preciso delas! – Ele repetiu. Senhor Maldo ficou contrariado, mas disse:

- Então, vai atrás delas sozinho – E apertou um botão em suas botas e molas surgiram das solas o erguendo em direção ao céu.

Igual aconteceu na Ilha, ele fugiu à passos largos se desviando dos pássaros e dos louva deuses.

- Maldo! – Senhor Dali gritou.

Não havia nada que os outros conseguiriam fazer,

então se voltaram para Lucien. Estavam mais próximas e recarregavam as pistolas, ele aproveitou o momento e recolocou os anéis nos dedos, desta vez os dividiu nas duas mãos as deixando prateadas.

Imediatamente, fez com uma careta de dor e pegou a placa jogada no chão.

- De novo... vou conseguir...

A mesma linha de antes saiu da placa e Lucien a dividiu em duas. Desenhou outros símbolos no ar, e os encostou no gelo. Dois grandes escudos de gelo foram formados, houve novos disparos, Lucien usou um deles para se proteger e jogou o outro na direção das pessoas. Os outros desviaram por pouco.

Ele arfava como se estivesse exausto, sentia dor.

- Lucien! – Seu Dali interveio – Sabe que se fizer de novo pode haver sequelas irreversíveis! Vale a pena para você se arriscar por uma causa perdida?

Lucien parou por um segundo em dúvida. Pela primeira vez não sabia o que fazer:

- Não é uma causa perdida. Eu tenho certeza! Me pro...

Foi interrompido, o segundo de dúvida foi seu erro.

Da multidão foram jogados balões que se expandiram e estouraram em asas descoordenadas que acertaram Lucien o jogando para dentro da montanha. Com o impacto, a placa escorregou de sua mão e Eliza a pegou se afastando dele que tentava se levantar, mas não conseguiu.

Retirou os anéis dolorosamente, as pessoas finalmente se aproximaram e fizeram um círculo ao seu redor apontando as armas. Blaze rodopiava esperando ordens, mas nenhuma veio.

- Pelo visto perdeu mago – Disse um dos homens com as pistolas.

Do lado de fora, chamas podiam ser vistas.

- Por que não voltam para os vulcões?! – Ouviram Matilde gritar.

- É melhor dar um jeito de recolher esses pássaros – Ele acrescentou.

13. Paz e estranhezas.

- Fiquem em posição – Avisou o homem – Talvez ele faça os pássaros nos atacarem.

Todos os outros com pistolas em mãos as apontaram para o lado de fora, em caso de os pássaros aparecerem. Contudo, Lucien vendo as pistolas assobiou duas vezes seguidas fazendo Blaze sair da montanha, os outros pássaros a acompanharam e voaram para longe escapando das garras dos louva deuses. Fizeram uma cantoria rebelde, e quanto mais se afastavam, já não podiam ser ouvidos.

- Uau... – Disse o mesmo homem com um tom esnobe – Se importa tanto com seus pássaros, mas não com as pessoas que poderia afetar.

- Elas não seriam afetadas... – Lucien começou, mas o homem o interrompeu.

- Não quero saber, mago. Você vai ter um encontro interessante com os Fortes. Eles sim vão querer saber o que estava planejando.

Senhor Dali fora desamarrado e usou a corda de aço para prender Lucien. As pessoas com as pistolas usavam fardas, e deviam ser responsáveis pela segu-

rança, Eliza concluiu ao levarem Lucien para fora. Ela não se arriscou a olhar para ele. Nem se quisesse, não adiantaria nada, já que ele olhava fixamente para o chão.

Elias foi até ela a tirando de seu desvanio:

- O que aconteceu exatamente? Os guardas quase foram embora, Eliza! Você não fazia o portão funcionar!

- Pois é! Quase achei que tinham desistido – Falou Davi.

Oliver suspirou:

- Vocês não perceberam que eles caíram em uma armadilha? Lucien e o senhor Maldo já estavam aqui, esperando. Já devia ter imaginado...

- Essa é a maga? – Perguntou o guarda – É jovem, mas trouxe vários problemas igual os outros. Vou levá-la também.

Eliza se assustou e se imaginou na frente de vários juízes. “Hum” eles diriam “Ajudou um mago a tentar retomar seu poder. Cinquenta anos de prisão. Seriam cem se fosse intencional”.

- Ei! Guarda metido! – Matilde e Lisa apareceram

com as pernas bambas. Matilde se segurou na parede e apontava o dedo para ele – Só chegamos aqui por causa dela! Dá um tempo!

Os outros piratas também iam discutir, mas o senhor Dali falou primeiro:

- Por favor, vamos nos acalmar – Se virou para o guarda – Você agora tem um mago de verdade para levar aos Fortes. Eliza não saberá responder no que se relaciona com tecnas ou magia, por outro lado, Lucien pode ter informações valiosas. Ainda por cima, tem problemas maiores, por exemplo o meu irmão conseguiu escapar.

- Dali, não é? O inventor. – Ele respondeu – Sei que é famoso para muitas pessoas e até criaturas, mas não para mim. Vou levar a menina.

O senhor Dali insistiu:

- Então, pense na sua carreira. Como os Fortes vão reagir se levar uma menina confusa em frente a eles? O que vão pensar de você? E, o que vão pensar quando me levar para depor a favor dela?

- Você iria...

- Iria.

- Seu Dali! – Eliza falou – Eu não quero te colocar em mais problemas...

- Eliza! – Elias sussurrou – O senhor Dali é uma pessoa importante! Ele vai fazer diferença indo com você!

O guarda também sabia disso, por isso ficou pensativo. Um guarda mais jovem se aproximou e falou em seu ouvido, o fazendo assentir. Depois disse:

- Tudo bem. Desta vez vou deixá-la sob seus cuidados, Dali. Mas, não pense que ela estará sem problemas – Se virou para o guarda jovem – Recolha o que puder daqui, precisamos de evidências – Olhou para a placa na mão de Eliza – Não, recolha especificamente as placas.

- Você não pode... – Seu Dali começou.

– Agradeça que é a placa, e não ela – Se retirou, mas complementou – Descreveram que ela tinha um livro.

Se é parte da magia vou levá-lo também - Ordenou.

Com insistência, o senhor Dali conseguiu que Erick concordasse em deixar o livro em sua posse para Eliza voltar para casa. Caso ela tivesse que lidar com os futuros problemas o senhor Dali pediria o livro e a

buscaria. Os portões já não brilhavam mais, e com o livro quase todos os guardas voltaram a seus respectivos lugares, com exceção de Erick e mais dois que levaram Lucien e as placas para um local cujo desenho na página tinha várias masmorras. Erick deixou um guarda para ir a Ilha, de modo a fazer o senhor Dali cumprir sua parte do combinado. Os louva deuses também voltaram para a Floresta Cachoeira, não antes de agradecer a milésima vez das folhas:

- Como vocês as conseguiram? – Oliver Perguntou.

- Pegamos uma e saímos correndo, depois que as raízes se acalmavam, pegávamos outra até ter bastante para eles nos ajudarem. Demorou um pouco, mas deu certo – Respondeu Lisa.

Por fim, voltaram para a Ilha. Ficaram um segundo apreciando as árvores e suas folhas coloridas. O senhor Dali disse:

- Bom! Conseguimos uma vitória! Isso pede celebração!

O capitão se dirigiu para o velho:

- Sim, e muitas recompensas. Mas, uma festividade

não é má ideia. As outras pessoas daqui vão pensar assim tendo nós em companhia? – Perguntou desconfiado.

- Talvez haja uma ou outra cabeça quente. Contudo, um copo de chá perfumado pode vir a falar mais alto. -
A menina não. Tem que voltar para casa – Falou o guarda que os acompanhou.

Os piratas ainda precisavam retornar para o navio, e para isso Eliza era necessária. Então, o capitão os dividiu em dois grupos fazendo um voltar e navegarem até a Ilha, os outros ficariam e esperariam as recompensas. O senhor Dali estranhou a decisão, mas decidiu não argumentar. Elias tentou conversar com ele, mas o inventor pediu que esperasse e fosse para a vila com os outros. O menino concordou e se despediu de Eliza:

- No final, até que foi divertido, não é Eliza? Quando você voltar vou te ensinar a usar os incha balões!

- Não sei se...

- E quando voltar, vamos nos encontrar também! –

Disse Matilde – Quem sabe até lá conseguimos tirar a lula do mastro.

Eliza sorriu. Não saberia se em seu retorno poderia se divertir, mas era bom pensar que estaria com eles: - Tudo bem! Eu espero ver vocês logo!

Se despediram. Elias, Oliver e Lisa acenavam indo para a vila enquanto Matilde com alguns piratas passavam pelo portão. Por fim, sobrou Eliza, o senhor Dali e o guarda ainda esperando.

- Por favor, pode nos dar um momento a sós? – Pediu o senhor Dali.

O guarda ficou desconfiado, e respondeu:

- Um minuto. E vou ficar observando – Se afastou alguns metros.

Ao ficarem sozinhos, senhor Dali falou:

- Imaginei que as autoridades seriam mais razoáveis. Mas, quando se trata de tecnos... Enfim, Eliza quero saber o que aconteceu dentro da montanha. Como os portões começaram a brilhar?

A menina explicou brevemente, pulando a parte de Lucien falando do pai dela, não sentiu vontade de lembrar dos comentários. Quando terminou, ela também questionou:

- Se não me enganei, eu precisava encostar a tecna

em algum objeto para ela funcionar. Mas, não consegui usá-la igual o Lucien. Então, por que os portões funcionaram?

- Também não entendo... - Ele pôs a mão no queixo, pensativo - Talvez você tenha tido sorte. Pelo que tenho conhecimento, aquelas tecnas foram as primeiras criadas, ou seja, pelo tecno original. E são muito poderosas, por isso estavam naquela proteção. Talvez, por causa do seu poder elas não precisem seguir, como posso disser? As mesmas regras. E o fato da tecna que ele estava procurando não estar lá é um mistério para mim.

“Então não foi algo que eu tenha feito” ela pensou. Já imaginava, ainda assim ficou um pouco desapontada. Olhou para as árvores e as folhas coloridas da Ilha Maravilha, e desejou poder entrar novamente na vila.

- Senhor Dali?

- Sim?

- O que eram aqueles anéis que Lucien estava usando? Ele pareceu tenso:

- Acredito que eram objetos de uma natureza ruim.

Uma alternativa para ele realizar a técnica. É uma que não recomendo.

Ela não aprofundou mais no assunto. Eram tantas coisas que desconhecia, queria aprender do jeito certo:

- Você acha que eu vou poder voltar? Que eles vão permitir?

Ele sorriu, e respondeu:

- Se não deixarem, vão ter que enfrentar muitas pessoas descontentes. Aquela pirata daria trabalho, e eu também.

Eliza não sabia o que responder, queria expressar sua gratidão de uma forma grandiosa, mas só conseguiu dizer:

- Obrigada. Eu estou feliz que pude conhecer esses lugares e todos vocês! Bom, conhecer o você de verdade.

Ele sorriu e por enquanto, Eliza sentiu que isso foi o suficiente.

De volta ao porão da biblioteca, o portão parou de brilhar e desapareceu, indicando que o senhor Dali retirou o livro da fechadura. Ela subiu as escadas

se sentindo abalada, sua mãe já estava na biblioteca: - Estava no porão de novo? Achei que estaria com o seu Daniel. Onde ele está?

- Ele... foi para casa. Mas, conseguimos consertar o...

- O que era mesmo?

- O livro?

- Sim! Demos um jeito de secá-lo bem - Ela se lembrou da desculpa.

Sua mãe colocou alguns documentos no balcão, e perguntou:

- Você está se sentindo melhor?

Eliza assentiu. Ela ficou aliviada.

- Que bom. Não quero que você fique no porão ou faça algo que não goste nesses últimos dias de férias. Tem alguma ideia do que quer fazer? Quer fazer alguma coisa?

No fundo, Eliza ainda desejava entender mais sobre tecnas, mas levando em consideração o jeito que tudo terminou, este desejo estaria longe de se concretizar. "Tente se concentrar no agora" repetiu as palavras do senhor Dali na sua mente.

- Não vou ficar no porão, mas... talvez eu de outra

chance para o vôlei, ou outra coisa. Não precisa me olhar assim – Disse pela expressão confusa de sua mãe – É uma decisão minha, eu quero tentar – “E esquecer um pouco sobre tecnas” acrescentou para si mesma. Foi em direção a porta – Eu vou tentar falar com as meninas! Quem sabe elas não desistiram de mim.

- Tenho certeza de que não – Sua mãe assegurou. Para a surpresa de Eliza, realmente queria falar com as meninas. Sentiu uma pequena confiança brotar em seu peito e saiu da biblioteca, pensou no que Elias ou Matilde saberiam jogar. Quando os visse de novo ensinaria um jogo do seu mundo, da mesma forma que Elias a ensinaria a voar.

Autora: Leticia Krempel
email: leticia8krempel@gmail.com
(Obrigada por terem lido!)